

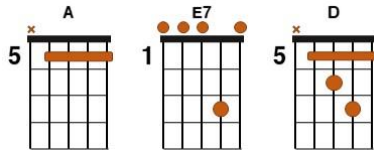


Sítio do Angelim

O Menino da Porteira

Teddy Vieira / Luizinho

Cururu



.A. .E7.
Toda vez que eu viajava pela estrada de Ouro Fino
.A.
De longe eu avistava a figura de um menino
.E7.
Que corria abrir a porteira depois vinha me pedindo
.D. .E7. .A.
“Toque o berrante, seu moço, que é pra eu ficar ouvindo”
.D. .E7.
Quando a boiada passava e a poeira ia baixando
.A.
Eu jogava uma moeda ele saía pulando
.E7.
“Obrigado boiadeiro, que Deus vá lhe acompanhando”
.D. .E7. .A.
Pra aquele sertão afora meu berrante ia tocando
.A. .E7.
No caminho dessa vida muito espinho eu encontrei
.A.
Mas nenhum calou mais fundo do que isso que eu passei
.E7.
Na minha viagem de volta qualquer coisa eu cisme
.D. .E7. .A.
Vendo a porteira fechada o menino eu não avistei
.D. .E7.
Apeei do meu cavalo num ranchinho beira chão
.A.
Vi uma mulher chorando quis saber qual a razão
.E7.
“Boiadeiro veio tarde veja a cruz no estradão
.D. .E7. .A.
Quem matou o meu filhinho foi um boi sem coração”



Sítio do Angelim

.A. **.E7.**
Lá pras bandas de Ouro Fino levando gado selvagem
.A.
Quando eu passo na porteira até vejo a sua imagem
.E7.
O seu rangido triste mais parece uma mensagem
.D. .E7. .A.
Daquele rosto trigueiro desejando-me boa viagem
.D. .E7.
A cruzinha do estradão do pensamento não sai
.A.
Eu já fiz um juramento que não esqueço jamais
.E7.
Nem que o meu gado estoure, que eu precise ir atrás
.D. .E7. .A.
Neste pedaço de chão berrante eu não toco mais